

A FICÇÃO SEGUNDO O “MUNDO” DE MARIA CECÍLIA GOMES DOS REIS

Jucimara TARRICONE¹

Doutora em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada/USP
Pesquisadora Colaboradora do IEL/UNICAMP, Deptº de Teoria e História Literária

RESUMO

Em *O mundo segundo Laura Ni* e *A vida obscena de Anton Blau*, Maria Cecília Gomes dos Reis expõe, como marcas da literatura contemporânea, o intercruciar de gêneros e de disciplinas. Ainda que esses aspectos, por vezes, sejam preponderantes nas produções brasileiras atuais, na prosa de Gomes dos Reis são traços levados a uma verticalização que excede as bordas dos limites textuais. Na singularidade com que rearranja e tensiona os procedimentos narrativos, a perspectiva do entendimento do que seja literário se esgarça e se desloca e tudo culmina em um texto em constante devir. Este artigo objetiva tão somente apresentar tais ficções a fim de ressaltar seus vários interrogantes colocados em suspensão para mostrar de que modo esses contribuem para ilustrar, discutir e – por que não? – emaranhar a criação literária hodierna. Neste caminho, Blanchot e Deleuze, em especial, atuarão como guias.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Cecília Gomes dos Reis. Narrativa Brasileira Contemporânea. Diálogo Literatura-Filosofia.

Considerações iniciais

Do mergulho no enigma da *psykhê* aristotélica ao emergir da cena contemporânea com duas ficções em cujas bases vislumbram-se o embate sobre o viver e a condição humana. Eis uma breve síntese das principais publicações de Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis.

Paulistana, nascida em 1956, Professora na UFABC, Gomes dos Reis ganhou o Prêmio União Latina de Tradução Especializada, em 2007, ao verter em língua portuguesa, diretamente do grego – realização inédita –, o tratado *De anima*, de Aristóteles, publicado em 2006, pela Editora 34.

Além do estudo da filosofia antiga, a sua formação em desenho técnico e em artes plásticas possibilitou a recriação e a invenção de uma escrita em movimento,

¹ Autora de *Hermenêutica e crítica: o pensamento e obra de Benedito Nunes*. São Paulo/FAPESP: EDUSP; Pará: EDUFPA, 2011 - finalista do Prêmio Jabuti 2012 na área de Teoria e Crítica Literária. Endereço eletrônico: jutarricone@yahoo.com.br

perspectivada, construída sob uma espiral de fluxos, saltos, em potência e renúncia a qualquer margem de limites e definições.

Tanto em *O mundo segundo Laura Ni* (2008), sua estreia na ficção – e finalista ao Prêmio São Paulo de Literatura –, quanto em *A vida obscena de Anton Blau* (2011), ambos publicados pela Editora 34, o que menos se destaca é o enredo, pois já não compete só o contar, mas também o extrair de cada palavra, no *intermezzo* de cada locução, a indiscernibilidade de todo código, a força de uma literatura comunicante que nos obriga-a-pensar.

Na sua prosa, o modo como articula os procedimentos da linguagem, o rompimento da causalidade dos casos e as múltiplas mudanças de vozes narrativas são aspectos que, tensionados, exorbitam o texto e transformam o escrever em matéria viva. São variadas camadas expostas e abertas em um enunciado aparentemente desconexo, fragmentado, em que se encontram, como a compor um fio, citações e alusões – ora explícitas, ora implícitas – aos intertextos da literatura e da filosofia.

No primeiro livro, a vida de Laura Ni (pesquisadora de filosofia e letras clássicas, além de tradutora), seu relacionamento com o marido Mario (financista), e com outros personagens (pai, mãe, avó, amigos, empregada...), seus pensamentos e ações corriqueiras fazem parte de um relato que se alimenta e se avoluma de diferentes gêneros, como pequenos trechos de notícias de jornais, planilhas financeiras, relatório de estudo etc.. Nas dobras do dia a dia de Laura, as suas impressões e sensações, plasmadas em diferentes matizes e tons, sustentam sua ficção:

O papel de dar vida ao imenso corpo da casa é meu e é nisso que muitas vezes colapso. Mario não percebe sinais de morte no que temos em comum. As maçãs, intactas desde o supermercado, tudo estando na mesma, em pouco se tornarão repugnantes, prontas para o lixo. Desta vez, ninguém teve apetite por elas. Mas, e se acontecer de chegarmos do parque amantes de saúde, pedindo fruta para saborear? Caso nunca esteja ali uma maçã suculenta, contra a grama verde destacada desta janela, eu e Mario estaríamos expulsos de nosso próprio paraíso. Flores de plástico. Laura apaga, de fato, alguns problemas éticos com critérios estéticos. A beleza para Laura mede quase tudo no mundo: até o *display* de alimentos dentro da geladeira. É preciso um olhar dedicado a ressaltar-lhes a decência, a dignidade, a propriedade. (REIS, 2008, p. 49-50)

A provável identidade profissional entre Maria Cecília Gomes dos Reis e a personagem Laura há de ser comentada aqui, de início, como um parêntese a essas concisas observações. Na pressa, admite-se o termo autoficção, presente corriqueiramente quando se discute a prosa contemporânea, e, ao fazê-lo, pensa-se que, assim, é plausível traçar contornos e fronteiras em seus livros. Busca-se uma explicação ou interpretação, quando, ao contrário, é uma escrita que escapa ao solo frágil e contingente da crítica. Mais do que uma aproximação entre os fatos autobiográficos e ficcionais, o “eu” que se inscreve e surge em seu texto não parece ser especularizado, mas, antes, é apagado para que a linguagem seja encerrada em si mesma. Tal questão, no entanto, será mais adiante retomada.

Igualmente composto de múltiplos registros (aulas de filosofia e história, dilemas religiosos, fragmentos do Código Civil Brasileiro etc.), *A vida obscena de Anton Blau* (2011) exhibe acontecimentos do personagem-título que se interpõem ou se superpõem, sempre em um tempo presente, verticalizado, no uso dos tempos modais dos verbos a tentar captar o agora da linguagem-evento: “a vida de qualquer um progride à base do incidental. (...) É impossível pensar o tempo sem o agora. E o agora, por sua vez, é sempre um campo de visão externa ou interna de um sujeito particular”. (REIS, 2011, p. 41)

Alcir Pécora, em artigo para a *Folha de S. Paulo* (2012, p. 4), consegue sintetizar tais episódios de forma breve e clara:

[Anton Blau] é filho de mãe solteira e pobre que o entrega para ser criado por uma ex-prostituta. Esta se casa com um antigo cliente e cedo enviúva, herdando do marido uma pequena fortuna. Quando o menino completa 12 anos, morre-lhe a mãe adotiva, passando a sua tutela e posses para uma irmã do marido, mulher de rígida formação calvinista, depois conversa ao catolicismo e, enfim, à masturbação. E conquanto Anton tenha grandes potencialidades físicas e intelectuais, a combinação de inércia e talento para acusar os defeitos do mundo arrastam-no a uma existência anódina, dissipada com amores fugazes de rapazes. Sem dinheiro, aplica-se então a um cruel processo de interdição da antiga tutora, de quem suga as economias, até a morte dela, num asilo. Incapaz de tomar as rédeas da própria vida, Anton ainda guarda o ressentimento de ser deixado por um jovem amante que sonha se tornar escritor. Só e sem perspectiva, se vê reduzido a um anão sentado no ombro do antigo gigante de si mesmo.

Entretanto, essa trajetória assim apresentada, no didatismo de uma resenha, não obedece a uma ordem sucessiva e nem o livro se resume, apesar do título, ao dizer de Anton Blau. Ao contrário: toda a construção narrativa se plasma e se funda de variadas vozes e enunciadores variados, como o amigo imaginário da criança Marta, de pequenas histórias em dobras, em um diferir de circunstâncias cotidianas, que são empilhadas, não somadas, em um procedimento estético a exigir do leitor uma parceria para se deixar conduzir por uma linguagem convulsiva, no limiar do possível.

Dividido em quatro capítulos dedicados cada um a uma das estações do ano, esse livro se inicia com um prólogo nomeado de “Instruções para o leitor” e, como em *O mundo segundo Laura Ni*, também contém um “Posfácio”. Contudo, dificilmente essas seções podem ser entendidas como uma chave interpretativa, já que as ficções aludidas apostam no risco, na margem e na espreita a convidar o pensamento para outra via de acesso ao texto.

Dentre esses aspectos brevemente mencionados das duas obras, algumas questões despontam como norteadoras no campo destas considerações iniciais: é possível discutir a multifacetada criação literária brasileira de hoje ao se lançar mais detidamente nos recursos expressivos de tais ficções? Afinal, o que justifica um olhar mais depurado nas narrativas de Gomes dos Reis perante a profusão de tantas produções na contemporaneidade?

Decerto não há a intenção de se buscar na sua escrita uma dimensão estável, um parâmetro de horizontes claros e precisos. O que se pretende, nos limites desse artigo, é tão somente apresentar interrogantes que *O mundo segundo Laura Ni* e *A vida obscena de Anton Blau* sugerem ao se deter em suas leituras. Ou melhor, ao se deixar afetar, de forma espinosista, nos desdobramentos infinitos de suas linguagens.

Em um primeiro momento, o debate proposto assume os riscos de se tentar perscrutar os livros de Gomes dos Reis face às produções hodiernas brasileiras a fim de se ressaltar a prática estética e ética que essas literaturas desenvolvem.

Na sequência, como a promover um corte diante de tantos atalhos abertos por sua prosa, o comentário destaca o intertexto da literatura e da filosofia apenas como uma das perspectivas de se delinear algum caminho. Em tal rumo não se espera chegar a respostas ou essências, nem a prerrogativas fáceis, já que é só no *fora*, como assinalado por Blanchot (2011), no movimento da exteriorização, que a palavra literária,

principalmente aquela construída na ficção de Maria Cecília Gomes dos Reis, pode ser dita.

Literaturas do agora

Em meio ao cenário da literatura brasileira atual, a prosa de Gomes dos Reis desponta com voz própria, ainda que não isolada.

De fato, é possível perceber um número considerável de narrativas criadas por autores que têm em comum a experiência universitária. É assim que, apenas a título de exemplo, pode-se citar Silviano Santiago, Milton Hatoum, Cristovão Tezza, Evando Nascimento... A lista é ampla e tal aspecto seria irrelevante não fosse o caso de se observar, como o fez Beatriz Resende (2008, p. 107-108) a respeito da ficção de Paloma Vidal, que a “formação acadêmica (...), ao invés de *patrulhar* a criação artística (...), contribui para avaliar melhor o peso ou a precisão que a leveza precisa ter, como prova Ítalo Calvino, de cada frase, de cada *cena*”.

Assim como tantos outros escritores, Gomes dos Reis também articula diferentes linguagens e as manipula de maneira lúdica, seja por meio de citações, alusões, seja por meio de apropriações, colagens, intertextualidades etc., em busca de um registro singular.

Não obstante serem obras construídas de forma a revelar experiências estéticas e éticas diferentes, é possível perceber, tanto nas de Gomes dos Reis, quanto nas de Sérgio Sant’Anna, Nuno Ramos, João Anzanello Carrascosa, para aludir aos mais conhecidos, o jogo operado com o universo da linguagem das artes plásticas (Cf. BARBIERI, 2003, p. 53-75), da publicidade, a marcar um procedimento em que o texto é composto de “perceptos, de afectos e de blocos de sensações” (DELEUZE; GUATARRI, 2005, p. 228). Em outros termos, nessas literaturas, as palavras são recriadas, potencializadas, expressas em uma sensação como imagem que existe por si.

Diante de tais palavras destituídas de conceitos, de metáforas (NIETZSCHE, 1984, p. 96-97), a própria noção de história, de memória (DELEUZE; GUATARRI, 2005, p. 218) é colocada em suspensão, tal como o romance de Julián Fuks (2011, p. 77) interroga: “Existe uma história, se toda metáfora e toda memória são insatisfatórias?”

O mundo segundo Laura Ni e A vida obscena de Anton Blau são narrativas, pois, como já mencionado, do presente, do cotidiano, de acontecimentos que se cruzam e se empilham, na medida em que não há “linha reta, nem nas coisas nem na linguagem” (DELEUZE, 2011, p. 12).

No primeiro livro, na São Paulo de 1994, um dia da vida de Laura Ni é exposto em constante deslocamento de perspectiva, assumido por diferentes narradores, seja em 3ª pessoa, seja a sua própria voz, em um fluxo de pensamento, seja a de Venina, a empregada:

Sou a voz de Laura e, por ora ocupo esta sentinela ubíqua e impessoal, da qual eu, tu e ela imaginamos acordar uma única e mesma expressão para o mundo que existe bem antes de mim. (REIS, 2008, p.11)

Sou a voz de Venina, a empregada desta casa. Venho pedir asilo nesta sentinela com poderes de guardar o mundo. (p.163)

Esse processo narrativo, acumulado com descrições de planilhas financeiras, transcrições de notícias de jornais da época, ficha de inscrição preenchida para o “I Seminário de Letras e Filosofia Clássica – V encontro de pesquisa em Língua e Literatura Grega”, trechos em grego acompanhados de exercícios de tradução, relatório de trabalho etc., expressa um panorama do mundo de Laura. Mundo este que lhe provoca “alergia” (p. 73), apartada que está na sua relação com o marido financista, Mario, com Lolô, sua amiga, com sua orientadora, Marta, com a sua “falta de disciplina” (p. 74) para redigir sua dissertação de mestrado. A relação familiar (a vó, Ana, já falecida; a mãe, Sonia; o pai, Andrea; os irmãos, Olivia, Martim; os primos; os tios...) aparece em reflexões indeléveis, entrelaçadas e simultâneas à sua imaginação multifacetada:

Laura estava cansada. Tentava separar essas fantasias de sua relação com Sonia, com o mundo, com as outras pessoas. O problema é que a decisão não tinha forças para descer até seu âmago e voltar. Não conseguia se livrar completamente dessas impressões e recuperar a serenidade. Laura se esforçava para ser gentil, mas havia algo que ansiava e que estava de certa forma condicionado a negar Sonia. Laura mal sobrevivia àqueles sentimentos: eles a embriavam desde sempre, e estavam a ponto de afogá-la. (REIS, 2008, p. 183-184)

Por entre as camadas do texto surgem descrições prosaicas, às vezes banais, cômicas, em meio a momentos de complexidade cuja tônica oscila ser a respeito da religiosidade, da arte, ou da própria condição humana:

Laura pisa a lavanderia anexa à cozinha e sente uma ligeira vertigem. Ao sair da zona sombreada e expor-se ao golpe de luz teme convulsionar. (...) Laura por um minuto crê em Deus, o tempo suficiente para pedir-lhe socorro. Nisso, tudo volta ao normal. Ela, em seu juízo perfeito. Laura convive melhor com os loucos, os doentes, com todo tipo de gente esquisita, sem deus. Não porque se sinta superior, mas por sentir-se igual. (...) Laura apaga, de fato, alguns problemas éticos com critérios estéticos.

(...)

Pois bem, a vida é principalmente o que está acontecendo *fora e além* do jogo. (REIS, 2008, p. 48-49; 169 – grifo da autora)

Nos meandros textuais, as abundantes citações – ora de escritores, dramaturgos, ora de filósofos, reproduzidas em itálico, se revezam em um discurso em que aparecem trechos de diálogos de Platão, Protágoras, Heráclito... Laura Ni é uma tradutora, mas deseja ser escritora, embora nem ela e nem o marido confiem nesse intento: “(...) Mario também não acredita em mim, em minha carreira acadêmica, tampouco em meu sonho de ser escritora. Talvez nem eu” (REIS, 2008, p. 81).

Como já referido, a personagem Laura Ni possui semelhanças com Maria Cecília Gomes dos Reis: é tradutora, pesquisa filosofia e letras clássicas, almeja ser ficcionista. Essa aparente tendência autorreferente, uma das marcas da prosa contemporânea, tem gerado impasses, discussões e colocado no mesmo rótulo da autoficção (Cf. AZEVEDO, 2013, p. 143-163), isto é, no esgarçamento de fatos autobiográficos e ficcionais, livros em si divergentes, como *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, *O céu dos suicidas* e *Divórcio*, de Ricardo Lísias, como exemplos mais comentados.

Em contraponto a essa concepção, há a propensão de uma “escrita de si” (Cf. KLINGER, 2012), entendida, grosso modo, como uma reformulação dos conceitos de representação e de subjetividade.

Para Gomes dos Reis, “a única fonte genuína de todas as experiências é a própria pessoa (...) caso veja nisso *um traço humano suficientemente geral* para suscitar o interesse de qualquer um” (REIS, 2013 – grifo meu).

Assim, a possível identidade é colocada em questão, já que somente quando o “eu” se afasta, para se abrir ao “outrem que se torna o outro”, ao “ele”, é que a literatura se faz presente (Cf. BLANCHOT, 2011, p. 19). Nessa passagem, nesse movimento de despedida e de recusa da primazia do “eu” é que obtemos a experiência do que é fora de nós e alteridade: o próprio fora. Este fora, prática “sempre em vias de se fazer” (LEVY, 2011, p. 135), noção criada por Blanchot (2011), e retomada, ainda que por caminhos diferentes, por Foucault (1990) e Deleuze (2003), possibilita descerrar “o pensamento ou a arte (...), chamar a vida à transformação” (LEVY, 2011, p. 136).

Em *O mundo segundo Laura Ni*, a matéria narrada expõe as incertezas, as dúvidas, a outra via do pensamento, o “ajuste de cada um em suas próprias circunstâncias materiais, condições” (REIS, 2008, p. 14).

Ao final, em um “Posfácio” metalinguístico, mais ao lado do humor do que da ironia (cf. DELEUZE, 1998, p. 82-83), assinado pela personagem orientadora, Profa. Dra. Marta Sand Alves de Lima, o jogo com o leitor é levado ao extremo e o que foi apresentado, narrado, pode ser apenas o resultado de um exercício proposto em um curso de escrita:

escolher uma das formas narrativas para uma paródia do autor preferido. A novela, por assim dizer, é um claro encadeamento de conto, solilóquio, aventura, monólogo e diálogo filosófico, ainda que tenha algo dos casos usados em cursos de Administração, e dos manuais de auto-ajuda. (REIS, 2008, p. 190)

Dessa forma, não há como responder as perguntas que nos invadem após a leitura do livro, na medida em que “erramos quando acreditamos nos fatos: só há signos. Erramos quando acreditamos na verdade: só há interpretação. O signo tem um sentido sempre equívoco, implícito e implicado” (DELEUZE, 1987, p. 90).

Igual opacidade de signos viceja em *A vida obscena de Anton Blau*: “um instante sem fatos, eis o início forjado por mim, para ti, a Anton Blau” (REIS, 2011, p. 13).

Apesar da crítica pouco elogiosa de Luiz Paulo Faccioli (2013) – “O complexo e colorido painel de Maria Cecília Gomes dos Reis pesa como chumbo (...) e acaba

fechado em si mesmo” –, e de Alcir Pécora (2012, p. 4) apontar que “o livro só não é melhor do que já é porque o seu constante deslizamento nem sempre encontra o nervo”, essa segunda prosa de Gomes dos Reis é exemplo de uma narrativa aberta às sensações de uma experiência estética singular.

Na sua multiplicidade de recursos verbais, linguísticos, ilustrações, tabelas, que formam intertextos com as histórias narradas, o experimentalismo evidencia uma preocupação em plasmar a imaginação e buscar, nesse processo de escrita, “um jogo livre entre a memória, a observação atual (...), que envolve uma concentração extrema naquilo que costuma não ser percebido e pode incentivar alguma pesquisa adicional” (REIS, Entrevista, 2012).

Anton Blau é só mais um dos personagens que habita esse narrar múltiplo, rizomático, presentificado num agora: “A vida de uma pessoa cabe inteira num único dia. O resto do tempo é repetição” (REIS, 2011, p. 86).

Assim comenta Gomes de Reis (Entrevista, 2012) a respeito desse processo de criação:

Em *A vida obscena de Anton Blau* me concentrei nesta ideia – tratar o tempo como uma pilha de eventos, acontecimentos, instantes. A vida de cada um de nós é uma espécie de empilhamento sempre coroadado por um agora. E por isso estabeleci algumas condições para o trabalho: primeiro, empregar sempre o presente e explorar os aspectos modais dos verbos, explorando um viés verticalizado para a temporalidade. (...) A pilha da vida de alguém inclui (...) bem mais do que os momentos do período em que ela efetivamente existiu. (...) Isso comparece neste agora de maneira meramente incidental, embora em outra atualidade tenha tido uma emergência bem diversa.

Isolados nessa atualidade, não só Anton Blau, mas também Laura Ni falham em suas potencialidades, presos a ideias sem determinações, excessos de busca e de sentido, por isso fracassam nas ações e no acontecer:

É de acordo com alguma ideia que se quer viver. Mas isso requer palavras certas que levam àquele modo de vida e todo trabalho implicado na preservação de uma vida – o que não é pouco. E não raro as vidas são atingidas por ideias cadentes que nossas palavras não puderam librar no ar. (REIS, 2008, p. 186)

Espécie de “paródia a Alcibíades” (REIS, Entrevista, 2012), Anton Blau desperdiça seu talento – “(...) a abundância de recursos o prontifica a muito, e a aguda noção dos defeitos do mundo impede Anton tanto de entregar-se a qualquer coisa por inteiro como de terminar seja lá o que for” – e termina como um “anão sentado no ombro do antigo gigante de si mesmo” (REIS, 2011, p. 51 e 29).

Essa imagem, que tangencia a narrativa e se amontoa a tantas outras que coexistem na superfície textual, produz uma escrita de estranha forma e tensão. A esse estranhamento, a um desassossego que tal literatura provoca, faz o leitor experimentar um novo “espaço literário”, *um outro de todos os mundos*: “a arte é real na obra. A obra é real no mundo, porque aí se realiza (de acordo com ele, mesmo no abalo e na ruptura), porque ela ajuda a sua realização e só terá sentido, só terá repouso, no mundo onde o homem será por excelência” (BLANCHOT, 2011, p. 231).

Nesse intento, em que a linguagem pulsa, viva que está em cada palavra e acontecer, as ficções de Maria Cecília Gomes dos Reis despertam a leitura para um pensar outro, um pensar exterior aberto a novos possíveis.

Igualmente como *O mundo segundo Laura Ni*, o recurso do “Posfácio” também é empregado em *A vida obscena de Anton Blau*. Como no primeiro livro, a metalinguagem e o humor, no sentido deleuzeano, despontam como acendimento, assim como a “Instruções para o leitor”.

Longe de serem índices interpretativos, conforme quer Faccioli (2013), funcionam, antes, como pluralidades de sensações que permeiam a leitura e nos obrigam a expandir a imaginação, pois “o que temos dentro de nós é sem bordas. E sem ela, em geral, tudo é apenas amontoamento em nós, envergando-nos para um sem fundo em desordem absoluta” (REIS, 2011, p.71).

Linguagem viva: o intertexto literário e filosófico

Outro traço que se pode mencionar como designativo das produções contemporâneas é a interface discursiva entre literatura e filosofia. Embora em algumas narrativas do século XX tal aspecto já se revelasse, como nas de Robert Musil, hoje, nas de Evandro Alfonso Ferreira e Juliano Garcia Pessanha, entre outros, é possível perceber o filosófico como recurso de construção de uma prosa mais ensaística; ensaio

entendido, aqui, como uma ação de pensar em que se pode desenvolver independentemente da literatura e da filosofia (Cf. NASCIMENTO, 2004, p. 43-66). Visto como forma, importante esclarecer, é próximo à concepção sugerida por Adorno, em que o texto se constrói como escrita aberta, de natureza transitória, sem uma construção dedutiva ou indutiva. O ensaio é aberto, segundo explica Adorno (2003, p. 37), porque “nega qualquer sistemática, satisfazendo a si mesmo quanto mais rigorosamente sustenta essa negação”. De modo inverso, igualmente apresenta-se fechado, pois se delinea pela exposição.

Tal apresentação se faz em tensão com o exposto, com a renúncia de pensar pronto, já que é próprio deste a experimentação, o embate com o objeto, a reflexão que não quer se esgotar. Por isso o ensaio é inconclusivo; por isso são prosas que buscam um escrever “sempre inacabado” (DELEUZE, 2011, p. 11), um constante diferir da linguagem na tentativa de um apagamento de formas, de fórmulas, de gêneros, para que a literatura mesma se apresente sozinha: “um livro não pertence mais a um gênero, todo livro diz respeito somente à literatura, como se essa detivesse, de antemão, em sua generalidade, os segredos e as fórmulas exclusivas que permitem dar ao que se escreve a realidade do livro” (BLANCHOT, 2013, p. 293).

Em Sartre, exemplo maior quando se comenta a relação literatura e filosofia, de acordo com Benedito Nunes (2005, p.300), a aproximação das duas disciplinas permite recuperar o poder de verdade (experiência vivida) ocultado pela literatura e de devolver à filosofia uma linguagem viva que ela perdeu. Entretanto, conforme esclarece Bento Prado Jr. (2005, p. 9), “não se trata de *confundir* filosofia e literatura, mas de abrir caminho para uma filosofia que seja capaz de exprimir a experiência concreta e de valorizar uma literatura que nos permita *ver melhor* a nós mesmos e o mundo presente”.

Próximo à posição de Nietzsche (1984) a respeito dessa convergência, para Agamben (Cf. PUCHEU, 2010) é a criação de uma zona de indiscernibilidade entre elas, de maneira que uma se dirija à outra, o que vai tornar possível a potencialidade das duas linguagens.

É também a ideia de potência, que para Deleuze (1988) envolve a da diferenciação imanente, o que possibilita sondar a linguagem para revelá-la nos seus processos e procedimentos. Na incidência de uma filosofia que pensa a diferença com a experimentação literária é que se “pretende liberar o pensamento e a linguagem das

categorias que o formalizam, por meio de uma agramaticalidade radical trazida à luz pelo ato de escrever” (ALMEIDA, 2005, p. 132).

A referência a Nietzsche, cara a literatos como Blanchot, e pensadores como Derrida, igualmente permite que Foucault entenda a experiência literária “como um tipo específico de saber moderno”, o qual o possibilita “apresentar com mais liberdade o âmago de suas ideias filosóficas” (MACHADO, 2001, p. 12-13).

Todas essas posições – citadas aqui de maneira sumária, convulsa, apenas para aclarar os possíveis encontros entre essas linguagens – acentuam a movimentação que os discursos da literatura e da filosofia promovem rumo a uma prosa repleta de fluxos, de dobras, de devires, de vigos poéticos.

Para Maria Cecília Gomes dos Reis, assim como o seu trabalho de tradução, o filosófico lhe proporciona

um verdadeiro laboratório de linguagem — é o que aduba e faz germinar os vastos terrenos da minha ignorância. E é a área em que vou montando um acervo de elementos. A literatura se serve disso tudo com liberdade, pois o trabalho de criação não se confina em gêneros e nem respeita limites — para o bem ou para o mal. Tudo isso compõe o que escrevo e traz os riscos que lhe são inerentes — pode dar certo ou não... (REIS, Entrevista, 2012)

Na sua ficção, a filosofia, entremeada à linguagem literária, traz ao texto um rumor, uma intensidade, uma abertura para um deslizar por entre essas duas forças, sem as amarras de uma prática de escrita discursiva, interiorizante e reflexiva. A filosofia está lá, na narrativa, porque “nasce ou é produzida de fora pelo pintor, pelo músico, pelo escritor, a cada vez que a linha melódica leva o som, ou a pura linha traçada, a cor, ou a linha escrita, a voz articulada” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 88).

Ao incorporar citações de filósofos, de escritores clássicos, de personagens da mitologia grega é a própria noção de autoria que é abalada, já que não são os autores que falam, mas o próprio texto. Como “pura exterioridade, a linguagem não é falada por ninguém: o sujeito só desenha nela uma dobra gramatical” (MACHADO, 2001, p. 115).

Tanto em *O mundo segundo Laura Ni*, quanto *A vida obscena de Anton Blau* os intertextos aparecem ora em itálico ora na superfície da escrita a suscitar ecos:

O espírito de Laura despenca com toda a gravidade ao inferno, ao tártaro. Laura pisca. Uma faísca. Passam diante dos seus olhos uma anta e uma mula por uma estrada de terra roxa, batida. *Deixai aqui todas as esperanças*. Laura vira uma onça. Caronte espera alguém em sua canoa à margem do Aqueronte. Quem? Andrea ou Mario. Em belos jardins, os filósofos suspiram sua lastimosa inatividade, aprisionados para sempre desde a vinda do filho de Deus. Livros. Bibliotecas. Academias de Letras. Liceus. Será o mal um efeito não previsto por eles, que tentaram tanto acertar?. (REIS, 2008, p. 43)

No bairro, corre solto um boato do envenenamento dela, motivado por vingança de um antigo desafeto: o ódio muita vezes aproxima o que os dias se esforçam para separar. *O monstro imanente nas coisas tanto se serve – para o bem ou mal que lhe são, ao que parece, indiferentes* - da disseminação do *streptococcus* no pulmão ou da disseminação do ódio e do ressentimento no coração: o *streptococcus* ataca e mata uma mulher, o ódio e o ressentimento *armam um braço, e o braço mata uma mulher*. Assim é o mundo, monturo de forças instintivas, diz com muita propriedade um escritor. (REIS, 2011, p. 37)

Talvez fosse o caso de maior apagamento, de um discurso sem marcas, na sua inteireza estética e ética, para não acumular mundo, para deixar escapar qualquer dimensão de referências e de sentidos a transcender o enunciado. Isto porque, é só na imanência, contra qualquer absoluto, que a linguagem pode ser criadora de acontecimentos, se deixa falar, fala-se de si mesma: “a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento” (BLANCHOT, 2013, p. 285).

Na leitura, pois, já não interessa procurar nomear essas vozes, reconhecê-las para encontrar o conhecido, mas descobrir, ao contrário, uma voz outra, estrangeira, que lhe perturbe para que se possa experimentar, experienciar o narrado.

Nessa experiência de arte, que as prosas de Maria Cecília Gomes dos Reis suscitam, o intertexto da literatura e da filosofia aparece, assim, como mais um traço a sugerir uma escuta da linguagem; linguagem esta em processo, em infinito desdobramento.

Considerações finais

Apresentar, comentar e não interpretar *O mundo segundo Laura Ni* e *A vida obscena de Anton Blau* constituiu o primeiro gesto de escrita desse artigo. São narrativas que fogem a afirmações, para se consolidarem sozinhas. Obras em devir que

não se permitem ao “é”, a uma crítica reflexiva, mas se dispõem, generosas, – e aí está o paradoxo de todo livro – a tantos outros dizeres.

O ‘mundo’ construído por Maria Cecília Gomes dos Reis são literaturas de sensações, de possibilidades, de linguagens abertas ao risco; risco este que é “o perigo dos perigos, pelo qual, de cada vez, é radicalmente questionada de novo a essência da linguagem. Arriscar a linguagem, eis uma das formas desse risco” (BLANCHOT, 2011, p. 260).

Laura Ni e Anton Blau são incompletos, limitados, como todos nós, e não há como escapar dessa condição, já que “a vida é alguma realização de nossas potencialidades determinadas – [e] essa é a brincadeira, essa é a graça ou desgraça, depende do ponto de vista” (REIS, Entrevista, 2012).

Por isso, são personagens que fogem a uma demarcação de função, de tipo, de referência, pois, contraditórios e complexos, expõem variações de intensidades para alargarem todos os possíveis como modos próprios de existência.

Laura Ni sente a sua “boca [como] uma gaveta atravancada de coisas por dizer” (REIS, 2008, p. 23). Seu mundo é difuso, multiforme, e seus pensamentos e sensações mostram sua vulnerabilidade diante da vida: “vivo às bordas de meu próprio precipício. E nada disso se vê, pois minha exterioridade é não reveladora de maremotos” (REIS, 2008, p.152).

Anton Blau, por sua vez, como “anão sentado no ombro do antigo gigante de si mesmo” (REIS, 2011, p. 29), recupera a imagem do personagem de Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* (1991, p. 199) no episódio denominado “Da visão do enigma”. O anão que o profeta traz sobre os ombros, o “espírito de gravidade”, tal como Anton, personifica aquele que recua diante dos problemas, de quem o medo, a preguiça, a acídia aniquilam qualquer avanço.

No final da narrativa, Anton se conscientiza de sua natureza acomodada como uma espécie de apaziguamento do que lhe resta, impotente que é para reformar o mundo e a si próprio. A citação de um trecho do livro do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa/Bernardo Soares, mencionado, aliás, em várias passagens da novela, corrobora também esse momento:

Alguém que deve – embora não sei se mereça – ser reformado, este sou eu. Alguém que percebe definitivamente o próprio malogro,

embora queira muitas vezes enganar-se com a crença esfarrapada de que nele, em si mesmo, o bem prevalece e predomina. O bem Diz um escritor que todo reformador é um evadido – não se pode dizê-lo melhor.....*impotente de reformar-me a mim mesmo, tornei-me um reformador dos outros e do mundo.....*A vida é isto atado em mim o tempo todo. Mas o sentido da vida. Ora me escapa de vez, ora me vem a luz de um luar (REIS, 2011, p. 128).

Das produções atuais, as ficções de Gomes dos Reis demarcam singularidades que proporcionam um olhar mais apurado não só ao próprio conceito de contemporâneo (Cf. AGAMBEN, 2012), mas também ao que se caracteriza como nacional na literatura brasileira hoje (Cf. SCHØLLHAMMER, 2011, p. 21-51). Isto porque, são ficções que desestabilizam a leitura, na medida em que se circunscrevem em um *ethos* particular, demandam, para o leitor, a produção de novos sentidos e geram um incômodo e um desconforto que o obriga a um reposicionamento crítico.

O procedimento do estranhamento, por exemplo, figura não só pelo insólito, mas também na forma de como os acontecimentos são construídos, sejam pelos inúmeros registros (relatórios, notícias de jornais, desenhos etc.), que aparecem como uma espécie de colagem nas histórias, sejam pelas diferentes vozes narrativas, personagens improváveis e profusões de histórias que, empilhadas, desafiam a leitura, convidam a olhar o texto sem a preocupação de se prender nem a um gênero (BLANCHOT, 2013, p. 293), como já apontado, nem a uma resposta:

por que o romancista se consideraria obrigado a explicar o comportamento de seus personagens e a lhes dar razões se a vida por sua vez nunca explica nada e deixa nas suas criaturas tantas zonas obscuras, indiscerníveis, indeterminadas, que desafiam qualquer esclarecimento? (...) O ato fundador (...) consistiu em levar o romance para longe da via das razões e dar nascimento a esses personagens que estão suspensos no nada, que só sobrevivem no vazio, que conservam seu mistério até o fim e desafiam a lógica e a psicologia (DELEUZE, 2011, p. 107)

Uma arte agenciada, assim, pela procura de um dizer outro, pelo recriar de um espaço e de um tempo vividos na radicalidade do presente transitório, de acúmulos não de fatos, mas de acontecimentos, de uma escrita criada como “efeitos de cores e de sonoridades que se elevam acima das palavras” (DELEUZE, 2011, p. 9).

Para Gomes dos Reis, o escrever potencializa buscar novas formas, novas demandas:

Em um determinado momento percebi que se tratava simplesmente de dizer de outra maneira e mais uma vez aquilo que se tem a dizer, até ser claramente ouvida e percebida. Não é o caso de se repetir, mas de completar, ocupar um terreno até o último bastião e fazer-se dona daquela voz. Nesse sentido, não é exatamente uma questão de inovar, mas de preencher os espaços que ainda estão vagos e ameaçam a compreensão daquilo que queremos retratar: uma perspectiva muito singular sobre o humano, que por esta fiel particularidade poderia paradoxalmente se fazer entender por qualquer um (REIS, Entrevista, 2012).

Na feitura de suas narrativas, a linguagem aflora “iluminada, imóvel e fraturada” (FOUCAULT *In* MACHADO, 2001, p. 174) e o trabalho com a atualidade do tempo permite explorar a “força atuante do agora” (BLANCHOT, 2011, p. 21), principalmente na construção da sua segunda ficção:

Penso que uma maneira de entender a estrutura da novela é imaginar o seguinte; o tempo pode ser concebido na vertical. Estamos acostumados a pensá-lo como um eixo horizontal, avançando em uma única direção – o passado que ficou para trás, o futuro que vem pela frente –, tudo tendo um status igualmente abstrato em sucessão e com nexos de causalidade. Por outro lado, cada um de nós – se é alguém como eu – experimenta absoluta hegemonia do presente – algo imenso que abarca tudo (REIS, Entrevista, 2012).

Na incorporação da filosofia, como um traço que as demarcam como ficções contemporâneas, singulares, sobressaem-se a experiência-limite de linguagem cujo caráter é o da contingência, do diferir, e a da apresentação de personagens, “suspensos no nada, que só sobrevivem no vazio” (DELEUZE, 2011, p. 107), que expõem as (frágeis) condições humanas.

Enfim, se nesse momento retomei alguns aspectos do exposto, mesmo sabedora do risco da repetição, foi por acreditar na possibilidade de mostrar maior nitidez dos passos percorridos.

O mundo segundo Laura Ni e A vida obscena de Anton Blau se circunscrevem como exemplares de narrativas que impõem, antes de tudo, um cuidado com o uso das palavras, para não se deixar limitar por certezas, para não se contentar com explicações metafísicas, para não se acomodar com tentativas de interpretações que, conforme vimos, nasceriam já infundadas. Como diz Peter Pál Pelbart (2009, p. 166):

Às vezes é preciso diluir o que se disse a fim de que seja dito aquilo que se dilui (como faz Blanchot), às vezes impõe-se correr em ziguezague, como um guerrilheiro em campo aberto, a fim de cruzar o Fora e não ser baleado (como Deleuze), às vezes ainda é preciso mover-se em círculos concêntricos, questionando a própria sombra com olhar de lince e uma precisão inquietante (como Foucault).

Em outras palavras, o mundo que Maria Cecília Gomes dos Reis exhibe, que exige do leitor, ultrapassa qualquer captura de conclusões.

É só no fluxo da linguagem, por entre a linguagem, na perda de qualquer cristalização de conceitos ou busca de transcendentais, que se pode vislumbrar o prazer da leitura, da leitura aberta para assumir que “a vida tem o limite de nossas possibilidades” (REIS, 2011, p. 131).

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. O ensaio como forma. *In Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed.34, 2003. p. 15-45.
- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALMEIDA, J. M. C. O agramatical: os procedimentos da diferença. *In* ORLANDI, L. B. L. (org.). *A diferença*. Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2005, p.131-149.
- AZEVEDO, L. Autoficção e literatura contemporânea. *In* VIOLA, A. F. (org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013, p.143-163.
- BARBIERI, T. *Ficção impura: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- BLANCHOT, M. *O livro por vir*. 2ª ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. 2ª Ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto S. Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Pique e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FACCIOLI, L. P. Coisas de Afrodite. In <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/coisas-de-afrodite>, julho de 2012. Acesso em 31 de Janeiro de 2013.
- FOUCAULT, M. Linguagem e literatura. In MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.137-1174.
- FOUCAULT, M. *O pensamento exterior*. Trad. Nurimar Falci. São Paulo: Princípio, 1990.
- FUKS, J. *Procura do romance*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- KLINGER, D. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- LEVY, T. S. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- NASCIMENTO, E. Literatura e filosofia: ensaio de reflexão. In NASCIMENTO, E.; OLIVEIRA, M. C. C. de (orgs.). *Literatura e filosofia: diálogos*. Juiz de Fora: UFJF/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p. 43-66.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra – um livro para todos e ninguém. In *Os pensadores*. Vol. 1. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 181-221.
- NIETZSCHE, F. *O livro do filósofo*. Trad. Ana lobo. Porto: Rés-Editora, 1984.
- NUNES, B. Um caminho na crítica. In *Estudos Avançados*, vol.19, n°55, setembro-dezembro de 2005, p. 289-305.
- PÉCORA, A. Com ironia, romance mistura ficção e antropologia filosófica. In *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 17 de março de 2012, p. 4.

PÉCORA, A. Impasses da literatura contemporânea. *In* oglobo.globo.com/blogs/prosa. Versão digital do Suplemento Literário de *O Globo*, 23 de abril de 2011. Acesso em 14 de novembro de 2012.

PELBART, P. P. Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PERRONE-MOISÉS, L. A literatura exigente. *In Folha de S. Paulo*, Ilustríssima, 25 de março de 2012. p. 4-5.

PRADO JR., B. Sartre e o destino histórico do ensaio. *In* SARTRE, J. P. *Situações I*. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naif, 2005. p.7-26.

PUCHEU, A. G. *Agamben: poesia, filosofia, crítica*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

REIS, M. C. G. dos. Acaso desenhador de sentidos. *In* <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/o-acaso-desenhador-de-sentidos>, julho de 2012. Acesso em 31 de Janeiro de 2013. *Entrevista*.

REIS, M. C. G. dos. *A vida obscena de Anton Blau*. São Paulo: Editora 34, 2011.

REIS, M. C. G. dos. *O mundo segundo Laura Ni*. São Paulo: Editora 34, 2008.

RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro; Casa da Palavra/Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ABSTRACT

In The world according to Laura Ni and The obscene life of Anton Blau, *Maria Cecília Gomes dos Reis* shows, as contemporary literature marks, the intercrossing of genres and of disciplines. Though these aspects are sometimes prevalent in current Brazilian productions, in the prose of *Gomes dos Reis*, they are traces brought to a verticalization that exceeds the edges of textual limits. Using singularity the author rearranges and makes the narrative procedures tense, the perspective of understanding of what literary is breaks up and moves away and all culminates in a text of constant becoming. This article aims solely to present such fictions in order to highlight their various suspension issues to show how they contribute to illustrate, discuss and - why not? - entangle today's literary creation. For this purpose, Blanchot and Deleuze, in particular, will be used as guidelines.

KEYWORDS: *Maria Cecília Gomes dos Reis. Brazilian contemporary narrative. Literature-Philosophy dialog.*

Envio: fevereiro/2015
Aceito para publicação: abril/2015